

TRANSIÇÃO

Parlamentares resistem à criação de blocos

Presidente do PMDB dirá a Cardoso, hoje, que terá de enfrentar dificuldades regimentais e políticas

O presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, começa hoje, em Brasília, a avaliar o tamanho da resistência à criação de um bloco formal de apoio a seu governo no Congresso. Em sua primeira conversa com o presidente do PMDB, deputado Luiz Henrique (SC), marcada para 10h45 em Brasília, Cardoso vai ouvir que, apesar de a tendência de apoio ser majoritária no partido, há dificuldades regimentais e políticas que precisam ser contornadas para acomodar o PMDB ao lado do PSDB e PFL.

"A figura do líder é essencial para garantir a identidade do partido", opina Luiz Henrique. No caso de blocos formais, porém, o regimento elimina as lideranças partidárias, reconhecendo apenas o líder do bloco. É aí que começam as dificuldades políticas. "Mudar as regras do jogo em cima da hora é casuísmo", critica o deputado Zaire Resende (PMDB-MG). E mesmo que o comando do bloco seja entregue a um peemedebista, como já acenou o presidente do PSDB, Pimenta da Veiga, o novo governo terá problema com os aliados. Um cacique do PFL garante que sua bancada não acatará a voz de comando de um peemedebista.

Nem mesmo no PSDB a questão da liderança do bloco é pacífica. Um tucano experiente adverte que as articulações não estão envolvendo os parlamenta-



Edu Garcia/AE

Tasso encontra Cardoso: "Ele coordenará formação de bancada"

res reeleitos nem levando em conta que dois terços da bancada de 63 deputados são de novatos que também não estão sendo ouvidos por Pimenta. Em São Paulo, onde se reuniu com Cardoso e com o senador eleito José Serra, o governador eleito do Ceará, Tasso Jereissati, observou que "está bastante favorável" a base política do futuro governo no Congresso. "Mas o próprio Fernando Henrique vai coordenar toda a ação para a formação da bancada."

Apesar disso, a articulação do bloco terá outros problemas, pois implica

na discussão da participação dos partidos no governo. Os peemedebistas não falam em cargos, mas insistem em conhecer as prioridades e os projetos de Cardoso antes de decidir pelo apoio. "O bloco só tem sentido se o partido influir decisivamente no programa de governo; fora disso é adesismo", afirma o gaúcho Odacir Klein (PMDB).

O presidente do PSDB tem dito que a articulação para garantir uma base estável de apoio ao governo envolve também a eleição dos presidentes da Câmara e do Senado. Não é o que pensa boa parte do PMDB. "As urnas demonstraram que a época do prato feito e do conchavo acabou", avalia o deputado Gonzaga Motta, um dos candidatos do partido à presidência da Câmara. "Não vamos aceitar um acordão", antecipa o deputado José Luiz Clerot (PMDB-PB).



**ATÉ
TUCANOS
CRITICAM
IDÉIA**